

Uma paisagem íntima, (des)habitável: algumas notas sobre *As Casas dos Outros*

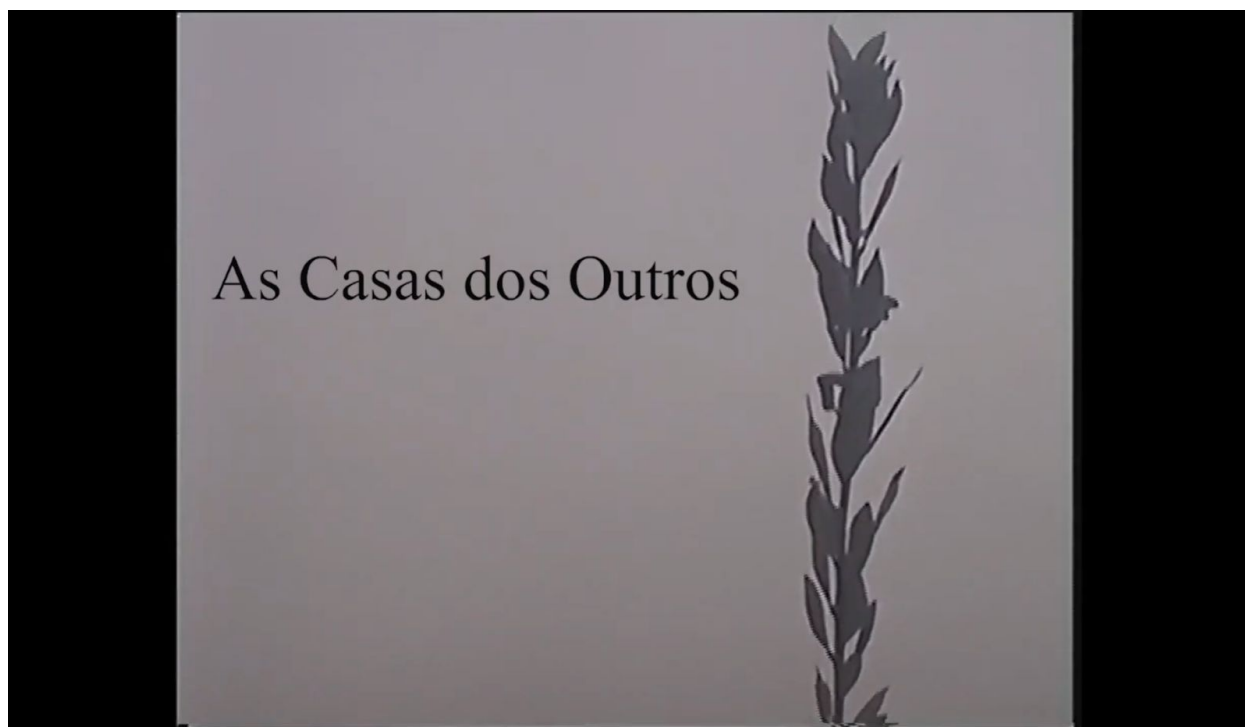
JOSÉ DUARTE E RITA ONOFRE

I do not want anyone to get close to me, I do not want anyone to see me, and this is the way things have developed: no one gets close and no one sees me.”

Karl Ove Knausgård, *My Struggle: Book 1*

A hipótese de sair era nula. E eu precisava urgentemente de sair.”

Maria Esmeralda Mendes, *As Casas dos Outros*



Fotograma da curta metragem de Rita Onofre, *As Casas dos Outros*
Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3fcJ-Hh7ZEI>

As Casas dos Outros é composto por diferentes espaços. Primeiro, espaço-livro e, depois, espaço-filme.

Do espaço-livro, habitado pelas palavras de Maria Esmeralda Mendes (pintora e escritora prolífica algures esquecida), e publicado em 1988 pela lendária editora &etc de Vítor Silva Tavares, pode dizer-se que ecoam duas vozes: a voz da escritora e a voz da narradora.

A voz da escritora preenche o vazio das páginas, ocupando-as (provavelmente) com a sua experiência de auxiliar de enfermagem e do seu trabalho em diversos institutos, antes de se dedicar à vida artística. A voz da narradora, sobreposta com a da escritora, expressa a forma como a casa surge numa dualidade que marca a procura por um regresso e a necessidade de fuga após a impossibilidade do reconhecimento.

Essa é a primeira casa, que ora se reveste de familiaridade, ora se transforma em espaço de silêncio e solidão. Afastando-se a narradora dela, o lugar outrora porto de abrigo, ganha uma dimensão fantasmagórica, não passando de uma memória que já nem sequer lhe pertence.

Mas eis que surge uma segunda casa que se define por um isolamento ainda maior, uma casa sem “uma janela virada para o mundo” (MENDES, 1988: 10) e, com ela, a necessidade absoluta de fuga para a rua. Habitar e desabitatar, fazer e desfazer, numa constante intermitência, acreditando que, algures, “alguém dissera ter uma casa” para aquele corpo (MENDES, 1988: 11).

Do espaço-filme, num gesto semelhante, as palavras habitam a casa pela voz da realizadora Rita Onofre que lê parte de *As Casas dos Outros*, mas também por via das imagens. Foi por acaso que o livro de Maria Esmeralda Mendes lhe veio parar às mãos, numa visita à *Ler Devagar*, livraria e espaço de leitura e convívio em Alcântara (Lisboa). Desse encontro resulta um filme com o mesmo nome, baseado num excerto do livro.

Em pouco mais de cinco minutos, em movimentos de câmara simples, eis que a casa surge de novo. De dentro para fora, da palavra para a imagem, da experiência da autora para a experiência da realizadora e, como tal, definida a partir de diferentes eixos – o arquivo, a memória e o som.

Se é a casa (o espaço físico) que nos ocupa o olhar desde logo, com enquadramentos que duplicam a sua presença – de fora para dentro e de dentro para fora – ela existe primeiro enquanto casa pelos corpos que a habitam. Familiares, mas distantes, filmados quase sempre sem que a sua cara nos seja revelada, eles são a expressão da passagem do tempo e das memórias com que inscrevemos os espaços que ocupamos. Cruza-se aqui o doméstico, o quotidiano, o lazer, o dia e a noite.

Memória e arquivo unem-se ao lugar, com a realizadora a regressar às suas vivências. Mas esta casa também é a da ausência e da estranheza. A câmara, por isso, regista-a de diferentes formas: habitada, desabitada, interior e exterior, humano e natural, aberta e fechada, plural e singular.

E repete-se aqui, de alguma forma, a dualidade apresentada no espaço-livro com a casa desabitada a sublinhar uma certa solidão. Impõe-se, assim, uma outra paisagem e eis que, com o lugar vazio, surge uma outra casa: desfamiliarizada, claustrofóbica, uma casa “protegida até ao tecto” da qual é preciso fugir (MENDES, 1988: 10).

A leitura do excerto de *A Casa dos Outros* e a sua transposição para uma curta-metragem são a expressão da ligação entre Maria Esmeralda Mendes e Rita Onofre ou entre a escritora e a realizadora.

A fuga é literal: o olhar dirige-se para fora e a voz corrobora a necessidade de voltar a habitar outra casa. Em paralelo, uma música que nos faz viajar até à infância e, como tal, a um regresso ao “ventre materno” a que o texto alude no início (MENDES, 1988: 9). Mas sendo ele impossível, e perante a ausência de uma morada, resta apenas como fantasma – nas fotografias, na matéria fílmica, na palavra (escrita e dita).

Se a casa, aqui, se afirma como espaço que aspira à liberdade, ela também é o espaço do confinamento (de várias formas de confinamento). Nem Maria Esmeralda Mendes, nem Rita Onofre estavam a pensar na realidade que hoje vivemos, pois ambas as obras naturalmente são anteriores ao mundo pandémico.

Contudo, nunca estas foram tão actuais. Isolados, e impedidos de circular livremente como outrora, a casa nunca se revestiu de tamanha importância enquanto espaço habitado por contradições: “refúgio para [...] dias assombrados” (MENDES, 1988:9) e, em simultâneo, prisão que nos pode levar à loucura, matando o “espírito” e “aniquilando o corpo” (MENDES, 1988: 11).

As *Casas dos Outros* são agora nossas também. Habitamo-las, é certo, de outra forma. Como as viver?

Bibliografia:

MENDES, Maria Esmeralda (1988), *As Casas dos Outros*, Lisboa: & etc.

José Duarte

Docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Centro de Estudos Anglisticos da mesma universidade. Tem desenvolvido investigação na área dos Estudos Fílmicos, Televisão, Cultura Popular e Ficção Científica, entre outros. Em conjunto com Timothy Corrigan editou

o livro *The Global Road Movie: Alternative Journeys Around the World* (Intellect, 2018). Para além de diversos ensaios, publicou cinco livros de poesia e dois livros de literatura infantil.

Rita Onofre

Nasceu em 1996 em Oeiras, onde vive. Divide o seu tempo entre a Música, como cantora e compositora, e os estudos, onde procura referências no vasto mundo da Arte. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tem sido exposta a desafios que muito preenchem a necessidade de aprender a comunicar para lá da palavra escrita. De um desses desafios propostos, tomou forma *As Casas dos Outros*.